

**UN TANGO POR LA VENTANA (2017):  
UM OBJETO SENSÍVEL DE UMA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NO OM-LAB**

***UN TANGO POR LA VENTANA (2017):  
A SENSITIVE OBJECT FROM AN ARTISTIC RESIDENCE AT OM-LAB***

Peter Francis Correa Gossweiler / UFRGS

**RESUMO**

Por um vídeo muito quieto de uma janela aberta, soa um disco de tango; ouvimos, por 15 minutos o som que vem da rua e sete músicas cantadas por Carlos Gardel. Com descrições e reflexões apresentamos o relato das escolhas na produção de um vídeo para uma experiência de projeção. Esta proposta é o resultado de uma residência artística realizada durante a primeira metade de novembro de 2017 na sala do OM-LAB (como projeto do grupo de pesquisa da UFRGS-CNPq que faço parte), localizado no Vila Flores-Porto Alegre.

**PALAVRAS-CHAVE:** residência artística; vídeo; tango; intencionalidade.

**ABSTRACT**

*Through a very quiet video of an open window, a tango's record sounds; we heard, for 15 minutes, the sound that comes from the street and seven songs singing by Carlos Gardel. With descriptions and reflections we present the report of the choices in the production of a video for an experience with its projection. This proposal is the result of an artistic residency held during the first half of November 2017 in the OM-LAB room (as a project of the UFRGS-CNPq research group that I am part of), located in Vila Flores-Porto Alegre.*

**KEYWORDS:** artistic residence; video; tango; intentionality.

Neste artigo vou abordar o vídeo *Un Tango por la Ventana* (2017) produzido durante a minha residência artística no OM-LAB, sede do nosso grupo de pesquisa (UFRGS-CNPq) e a sua projeção na Sala de Sons (UFRGS) 1.

Esta residência fez parte de uma das propostas do projeto para aumentar a vivência do grupo de pesquisa Práticas Urbanas: Poéticas de Aproximação neste espaço urbano e para pôr em prática ações de inserção. Com isso nosso grupo inicia o reconhecimento da zona conhecido saudosamente como 4º Distrito de Porto Alegre, ou pela sua utopia de Distrito Criativo.

O formato da residência proposto serve mais como um atelier privado, já que todos os residentes que até agora cumpriram com a demanda de meio mês de pesquisa moravam não muito distantes. O convite para realizar essa residência artística, surgiu logo após a de outro colega Pedro Gomes Ferraz. De súbito, no meio mês seguinte era a minha vez; não tinha nada preparado ou em andamento para poder desenvolver. No meu caso, reservei as tardes daquela primeira metade de Novembro de 2017 para a imersão. Ficou acordado que deveria ter uma produção poético-teórica que seria apresentada, por um objeto sensível, e discutida com o grupo. A produção deste texto e a reflexão sobre o vídeo se faz agora, sete meses após a sua apresentação para o grupo. Desta distância, acredito, facilitou a sua abordagem. Decantando pensamentos! Mas também ao lembrar de transcrever o meu processo exercitei uma memória, constituindo talvez assim uma fantasia poética da realidade; a morfologia das borboletas que o diga.

No primeiro dia da minha residência levei minhas coisas: uma quantidade grande e desorganizada de ferramentas, caixas de som, toca-discos, discos, cabos, microfones, câmeras de foto e vídeo. Queria estar preparado para produzir tão quanto a necessidade exigisse. Esta residência também seria uma oportunidade de colocar meus *cachivaches* (tralhas, como dizia o meu avô uruguaio) em ordem. E assim foram os primeiros dias, a residência era uma fuga da rotina do cotidiano. E se fuga é uma ação rápida de escapar, foi então o que fiz; me envolvi rapidamente.

Andar pelo bairro não convinha. É sabida a violência marginal que convive com a prostituição por aquelas ruas. Até mesmo por ser novo no bairro, não conhecia seus

ritmos e habitantes. Não havia a necessidade de correr esse risco. Me recolhi ao prédio e, mais especificamente, a única janela dessa sala da residência artística.

A sala tem um dimensão pequena e estreita com um teto que a partir da metade vai diminuindo a sua altura até chegar a altura da janela. Tem um espaço limitado para se movimentar com liberdade. Presta para estar sentado e desacelerar. É um espaço que te convida ao sossego e a concentração.

Foi um tempo de ouro, como se diz. Queria a muito ouvir na íntegra e sem interrupções um disco duplo (de aproximadamente 40 minutos) do flautista Paul Horn e não encontrava uma oportunidade. *Inside the Great Pyramid* (1971) foi gravado dentro da Pirâmide de Giza, e faz parte de uma série gravações de aventuras, por assim dizer, chamadas de *Inside*. A reverberação acústica e o tom da Câmara do Rei, onde foi gravado a maior parte do disco, surpreende pela forte ressonância que, como uma característica deliberada de sua arquitetura, tornam interessante este registro sonoro. Poderia ter programado outra oportunidade para escutar esse disco. Até mesmo substituir esta audição por uma versão digital, mais limpa da sujeira (dos clicks) dos discos e também potencializada por uma remasterização. Mas na época, o meu orientador de Mestrado em Poéticas Visuais (PPGAV-IA-UFRGS), o Dr. Flávio Gonçalves, me recomendou ouvir a versão em disco, para manter a originalidade em que foi produzido e também para desfrutar de seu ritual audiófilo. Como ele mesmo sustentava um disco debaixo do braço, por 30 reais me entreguei ao fetiche e encontrei num sebo de discos o meu objeto de excitação.

Na ânsia de realizar essa audição, de me encontrar com esse tempo mágico de entrega do ouvir para uma escuta, aproveitei a oportunidade que se abria na rotina para trazer outros discos a residência artística. Assim, com a brisa e claridade que entravam pela janela pude desfrutar também de relíquias audifônicas que guardava dos meus ternos anos de toca-disco.

Ao escutar este disco de Paul Horn, de um estrangeiro numa pirâmide egípcia, a aventura daquele registro se fundiu ao conceito do anarquista Peter Lamborn Wilson (pseudônimo Hakim Bey). Aquilo não era uma ocupação da pirâmide, era uma invasão.

As verdadeiras raízes do turismo não se encontram na peregrinação (ou mesmo na troca "justa"), mas na guerra. Estupro e pilhagem foram as formas originais de turismo, ou melhor, os primeiros turistas seguiram diretamente rumo a agitação da guerra, como urubus humanos procurando em meio a carniça do campo de batalha por um butim imaginário – por imagens. (BEY, s/d, website) <sup>2</sup>

O fato é que este disco não se encaixou com a residência, com os objetivos de render um olhar sobre o 4º Distrito. Mas pelo menos me alertou quanto a minha relação de consumo, como justificativa da minha presença naquela zona. Estava atravessando o bairro pelo percurso certo mas com os sapatos errados. Por isso procurei novamente ouvir um disco que tivesse uma sintonia mais condizente com essa experiência. Dessa forma vivenciar melhor o bairro e não me sentiria um estranho nela. Afinal, não estava ali para consumir a diferença como um turista, para pilhar imagens da sua óbvia e exótica decadência. Queria que aquela sala fosse parte de mim, como eu estava sendo dela em minha disponibilidade como residente. Ali, do 4º andar do Vila Flores, tinha disponível um tempo precioso para ouvir com a mais dedicada escuta os discos que trouxe. E dessa atividade encontrava uma forma de relatar, de reorganizar as relações que faço na minha experiência, como numa "prática do espaço" (DE CERTEAU, 1998, p. 202), a dizer, um espaço interior, do uso do tempo e da atenção.

E foi no disco *Carlos Gardel - O Rouxinol dos Pampas* (s/d) que me deparei com uma relação mais interessante e apaixonante, não só da minha família paterna mas de toda uma nação argentina e uruguaia que ama a música e cultua o tango. Enquanto ouvia suas melodias, como quem ouve um hino a bandeira, lia a descrição no verso do encarte sobre o sucesso artístico deste cantor e a sua morte trágica em um acidente de avião. O plástico protetor que envolvia o disco carregava uma marca histórica de uma época em que o supermercado Zaffari Floresta, estabelecimento próximo ao Vila Flores, tinha um quiosque no seu interior de comércio de discos.

Som Zaffari (discos-fitas-K7), dizia o impresso da embalagem com o logo do esquilo mascote tocando violão e uma partitura com notas fluindo de sua boca. Isto me remeteu ao tempo das compras que fazíamos naquele mercado e onde ganhei o meu primeiro disco. - *Escucha esto* (escuta isto)! Disse meu pai ao me dar o disco,

querendo me introduzir ao consumo de música. A capa era de quatro guarda chuvas fincados nas areias de uma duna com quatro chapéus coco em cima. Este disco dos The Beatles não me atraía, preferia os discos de tango que meu avô também cultuava.

Meu interesse estava numa relação além do conteúdo. Encontrava neste disco de tango do Gardel uma oportunidade de entrega do ouvir para uma escuta pelo afeto, que condizia com a proposta de reclusão da residência. O disco me conectou com a sala.

Com a agulha do toca-discos posicionada sutilmente um pouco adentro da borda do disco inicio a audição. O sulco riscado anunciava a sua singularidade. Nenhum outro disco tinha aquela exata sequência de estalos. Podia reconhecer essa quietude inicial como música na minha memória. Muito ouvia esse disco com dez, doze anos. Desse múltiplo dos discos havia uma identidade naquele prelúdio que se relacionava comigo, com a minhas primeiras relações com a música.

O disco abre então com um clássico, *El dia que me quieras* (1935), e meu corpo se dedica a escuta. Começo a entender o que o meu orientador dizia sobre o ritual. E, assim foram canções de amor, sofrimento, saudades, romances antigos. Sentado e olhando pela janela o tempo voou. Não sei dizer se escutei. Prestei tempo e atenção para as melodias e letras, mas dessa racionalização só ficou a emoção, o afeto. Ao terminar o lado A, virei o disco e segui. **Quando se esgotaram as músicas que preencheram aquele ar da sala, voltou o som que alí antes habitava. Esse som não tinha cessado durante a audição, tinha apenas se retirado para ceder gentilmente o seu lugar para aqueles tangos; ficava esperando da janela que terminasse o ritual.** <sup>3</sup>

Assim passei os quinze dias da residência: desfrutando da audição de discos, retomando um ritual, e preocupado com a entrega de um objeto sensível para discutir com o grupo de pesquisa. Não sou contra a produção por demanda, pelo contrário. Se existe uma demanda positiva é porque existe uma necessidade de resposta. Como meus estudos recentes apontam para as questões sonoras, achei apropriado apresentar as minhas percepções para o grupo. Havia uma relação que poderia apresentar como resultado: relatar esse ritual de escuta.

GOSSWEILER, Peter Francis Correa. UN TANGO Por la ventana (2017): um objeto sensível de uma residência artística no OM-LAB, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.1622-1632.



Figura 1: Capa do disco com o plástico protetor:  
Carlos Gardel - O Rouxinol dos Pampas (sem data)

No último dia de residência executei então uma audição para produção de um vídeo. A opção pelo vídeo veio como um dispositivo de exposição, dentro de suas potencialidades nas relações sensíveis entre o ouvir e o olhar, capaz de deslocar esse relato para uma posterior projeção, como possibilidade desse ritual ser vivido pelo grupo de pesquisa.

Descrevo assim o vídeo:

**Por 15 minutos ouvimos o som da rua que vem de uma janela aberta e um disco de tango saindo por ela. Dentro está escuro. Toda a claridade vem de fora, do céu está azul celeste. Pela janela se pode ver um prédio industrial decadente, abandonado e, de uma das folhas da janela o reflexo de um prédio residencial. Durante todo o vídeo quase nada muda dessa paisagem, só a voz de Gardel que me trás lembranças do meu avô.**

É possível perceber o tempo passar no vídeo, mas com certeza é o áudio que dita esse movimento com opulência. Um tanto de movimento, de balanço, pode ser percebido pela mão que segura a câmera. Oblíquo e num suave contra-plongée, a janela fica com seus ângulos retos levemente agudos e obtusos. Ver essa janela



aberta é monótono mas relaxante. Não me provocou uma tensão simétrica de equilíbrio nem um caos. Inclusive o vasto azul que a guarnição recorta do céu emana um convite para um desacelerar e desligamento.

Um total de 7 música, tocadas na sequência do lado A do disco, são executadas até que uma das venezianas fecha abruptamente. Um vento casual traz um final ao vídeo e com isso, a música também acaba.

A ligação afetiva que faço do vídeo com o meu avô é algo intangível. Uma informação que talvez só pela leitura deste texto seria possível fazer a relação. **Meu avô está na parte escura do vídeo, está ali, escondido pra não ser visto; podemos escutá-lo nos estalos deste disco.** O fato de estar oculto no escuro, ou nos sulcos, é o que justifica o seu segredo. Se ignora e se ausenta o interesse da sua compreensão. Não há recursos suficientes no vídeo para decifrar tal enigma, só por este relato.

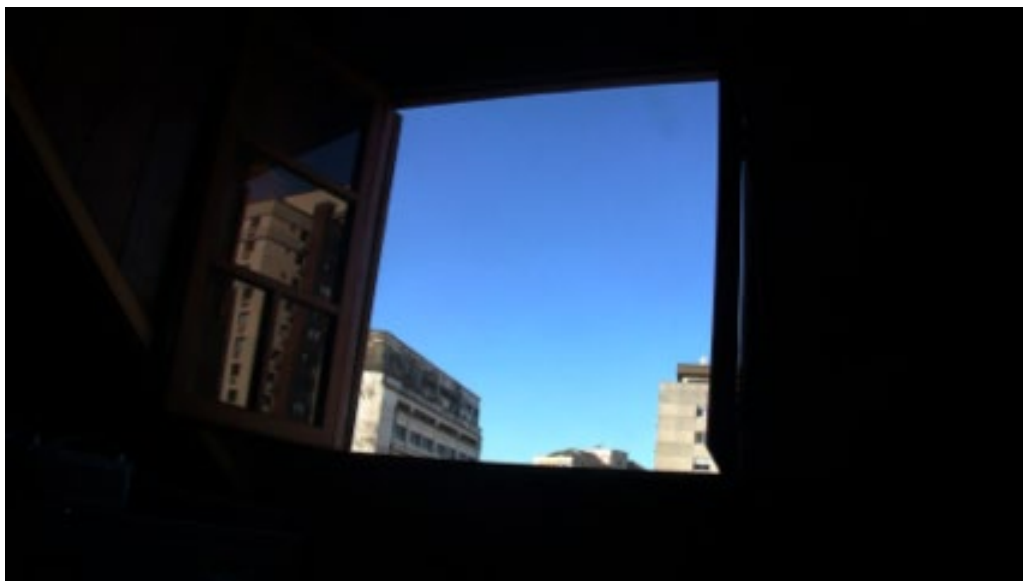


Figura 2: Peter Gossweiler (1977- ). Un Tango por la Ventana, 2017.  
Vídeo, 16:9, 15 minutos.

Algo parecido, por exemplo, ocorre com o poeta e crítico de jazz Philip Larkin. Em suas publicações expressou sua amargura sobre o desdobramento do jazz para o free jazz. Essa mudança, talvez por nostalgia, cruza a sua contemporaneidade como uma evidente ameaça a sua percepção:

Minha objeção ao jazz moderno não é que seja pretensioso, mas não é nada como o jazz que eu amava e comecei a colecionar. ... pode ser tecnicamente brilhante e justificado racionalmente, mas me deixa indiferente...

...posso facilmente imaginar que o jazz moderno é muito mais divertido de tocar se você é musicalmente sofisticado. Infelizmente, não é muito mais divertido de se ouvir se você não é musicalmente sofisticado. Você está dizendo que, se este é o caso, devo então me educar. (LAKIN, 2004, p.18) <sup>4</sup>

Essa divergência que perturba Larkin de conviver com os novos tempos do jazz, é o que o coroa como um homem “contemporâneo” (AGAMBEN, 2009, p.59)<sup>5</sup>. Ele se pergunta já sabendo a resposta, como em uma hipótese. Ou seja, para poder aproveitar desse jazz moderno acha que tem que se educar musicalmente, mas ao enfrentar esse problema, que espera revelar com esse conhecimento, reconhece que há ainda a possibilidade de um prazer intangível. Ou ainda, é um problema de solidão que aponta para uma autonomia espiritual e ética aos seus escritos, e que o possibilita pensar no que quiser sem coação.

A Sala de Sons, onde foi projetado o vídeo, propõe para um desacelerar, para um governarmos melhor nosso tempo e atenção. Nos desloca para uma interiorização onde temos a possibilidade de uma transformação da reflexão. Por isso precisamos estabelecer uma relação com essa experiência, mesmo sabendo das possibilidades intangíveis.

A projeção deste vídeo é um compromisso com a atenção e com o tempo, e se faz possível pelas suas mútuas faturas e conexões. "A atenção é a espera" (BLANCHOT, 2007, p. 64), e esta espera requer tempo. Considero, nos dias de hoje, talvez pelas novas tecnologias de acesso a informação, ouvir música tornou-se uma ação volátil, de insatisfação. É evidente a perda que temos com a experiência da escuta, pela dependência as novas tecnologias. Nos transformamos em “autômatos”, como bonecos mecânicos vazios e repetitivos (BENJAMIN, 1987, p. 222). Hoje em dia, é fácil trocar uma canção de que não gosta num equipamento digital, por outra que não vai gostar também, é um gesto automático, sem pensar. Não governamos o nosso tempo e atenção.



Agora, para ouvir um disco, como este de tango, requer outro comportamento, um comportamento antigo, nostálgico, em conflito com a contemporaneidade. As faixas tem que ser trocadas manualmente, requerer um esforço, uma habilidade próximas ao perigo de estragar o disco e o aparelho. Comumente, o melhor é deixar tocar o disco do início ao fim, sem interrupções. Com a reprodução deste foi assim. Obviamente, soa estranho para os que nunca ouviram um disco, ouvir música sequenciadas. Inclusive com as quietudes dos intervalos das faixas. Ouvir uma faixa atrás da outra, do início ao fim do disco, se restringe hoje somente a audiófilos.

Os tangos que correm neste disco, que seleciona algumas das músicas mais célebres interpretadas por Carlos Gardel, me remetem a lembranças como a do meu avô, anunciam uma música de um outro tempo. Ainda mais distante do mundo digital. Para se ouvir e escutar estes tangos num vídeo foi preciso também essa experiência baseada num ritual.

Incentivada pela visão tranquila, adormecida pela monotonia, onde nada ocorre, o conceito de "intencionalidade" (HUSSERL, 1989)<sup>6</sup> poderia transformar essa janela aberta em um tempo parado e focariamos nossa atenção para o tempo da música que toca. O vento, como elemento invisível de movimento, empurra a veneziana e encerra esse tempo parado no visual do vídeo, interrompendo assim a concentração da experiência.

A arte neste trabalho se encontra como uma das experiências da projeção do vídeo. Nos seus múltiplos mistérios. Neste contexto que se compõem por tentativas de experimentar diferentes imagens-vídeo (audiovisual) que possam determinar uma compreensão, ainda que intangível na sua completude.

Da rua foi captada com generosidade qualquer som que dali viesse, por isso ouvimos pessoas falando, pássaros cantando, carros, caminhões e o vento. De mim não ouvimos nada, apenas um disco de tango que está para representar uma proposição. Somos nós que com a consciência intencional que a percebemos e validamos essa vivência com o objeto em algum grau de clareza.

Dependemos dessa intencionalidade fenomenológica de Husserl de uma "consciência racional, que atesta em si mesma a efetividade" (HUSSERL apud

TEIXEIRA, 2007. p. 149). Foi esse esforço que me conectou com emoções, dispararam memórias de um passado nostálgico. Este fenômeno não se deu no objeto, vídeo, disco mas na sua consciência fenomenológica da experiência da apresentação do vídeo e elaboração deste texto.

Un Tango por la Ventana (2017), se deu como uma narração dessa minha vivência no OM-LAB no Vila Flores. O vídeo foi apenas um registro da minha presença, complementado por este texto, como um relato. Walter Benjamin que o diga. "O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo". (BENJAMIN, 1994, p. 221).

### Notas

<sup>1</sup> Premiere foi na Sala de Sons da UFRGS (2º andar do prédio da Reitoria da UFRGS - AV. Paulo Gama, 110) dia 22 de Dezembro de 2017 as 13 horas. Este é um espaço, coordenado pelo professor Dr. Eloy Fernando Fritsch, onde são apresentados composições de eletroacústica dos alunos da música e convidados. Para esta projeção foram utilizados duas caixas de som (front , rear) para simular como foi a captação sonora.

<sup>2</sup> Superando o Turismo. Hakim Bey. Disponível em <<http://revistacarbono.com/artigos/08-hakimbey-michaelhughes/>> Último acesso em 26 de Maio de 2018.

<sup>3</sup> Os textos em negrito estão como reflexões.

<sup>4</sup> (tradução Livre) "*My objection to modern jazz is not that it is pretentious, but simply that it isn't anything like the jazz I loved and began collecting. ...may be technically brilliant and racially justified, but it leaves me cold..... ...I can readily imagine that modern jazz is much more fun to play if you are musically sophisticated. Unfortunately it is not much more fun to listen to if you are not musically sophisticated. You are saying that, if this is the case, then I must educate myself.*" (LAKIN, 2004, p.18)

<sup>5</sup> Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo.

<sup>6</sup> Intencionalidade posto aqui como um conceito fundamental da Fenomenologia, de um método de crítica do conhecimento, de Edmund Husserl e que se constitui na ação intencional, da consciência, que visa algo.

### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *As Teses sobre o Conceito de História*. In: *Obras Escolhidas, Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLANCHOT, Maurice. *A Conversa Infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007.
- CÂMARA, Marina. *Giuseppe Penone [manuscrito] : da história à pele do mundo*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Minas Gerais. 2016.
- DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano - A arte de Fazer*. Petrópolis, RJ. 3a. Edição. Editora Vozes, 1998.
- HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 1989.
- LAKIN, Philip. *Jazz writings - essays and reviews 1940-84*. Grã-Betânia. Continuum. 2004.

*O Ensaio de Walter Benjamin: O Narrador - Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov.* Disponível em <<http://sentidosocial.com.br/o-ensaio-de-walter-benjamin-o-narrador-consideracoes-sobre-obra-de-nikolai-leskov>> Último acesso em 26 de Maio de 2018.

NANCY, Jean- Luc. *A la escucha*. Buenos Aires, AR : Amorrortu, 2007.

Resenha. Husserl, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura*. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/viewFile/64784/67401>> Último acesso em 26 de Maio de 2018.

*Superando o Turismo*. Hakim Bey. Disponível em <<http://revistacarbono.com/artigos/08-hakimbey-michaelhughes/>> Último acesso em 26 de Maio de 2018.

### **Peter Gossweiler**

Mestrando em Artes Visuais (UFRGS-IA-PPGAV, 2016-), pesquisa sobre a percepção da imagem sonora em seus trabalhos de arte sonora. Como músico, se apresentou na Alemanha, Argentina, Áustria, Bulgária, Chile, China, E.U.A., Inglaterra, Japão, País de Gales, Taiwan. Em Florianópolis produziu, de 2006 a 2012, 18 edições do Festival Música Livre. Em 2009, teve 6 vídeos catalogados pela UNESCO Multimedia Archives como Elemento Cultural Intangível e, em 2011, como Diversidade Cultural.